



XVIII Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã



GÊNERO EM REDE: explorando representações de gênero nas narrativas masculinistas no digital¹

Tamires Amaral Dias – Universidade do Minho, Portugal

Zara Pinto-Coelho – Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho, Portugal

RESUMO

O trabalho visa analisar discursos relacionados às relações de gênero nas conversas masculinistas na mansfera on-line, mais especificamente no Twitter. Apoiadas nos Estudos de Gênero e de Sexualidade, buscamos evidenciar os mecanismos discursivos usados para falar sobre/com mulheres, a(s) posição(ões) de sujeito em relação àquelas e a construção do “ser” mulher, para compreender como são construídas as relações homens-mulheres. Apresentamos alguns resultados que apontam para relações de gênero na contemporaneidade, dialogando com a comunicação e construção identitária mediada por tecnologias, que ajudam a desvendar a mansfera brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: discurso; gênero; mansfera brasileira; masculinidade; redes sociais digitais.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa explora a interseção entre os masculinistas e suas relações com mulheres em espaços digitais na mansfera, mais especificamente no Twitter, buscando compreender os discursos construídos e as representações de gênero subjacentes e mobilizadoras dos mesmos. Ancorada no feminismo e nos Estudos de Gênero e de Sexualidade, investiga a construção da masculinidade e a crise associada, partindo de uma contextualização histórica que alcança a ascensão da digitalização desses movimentos e mudanças consequentes. Devido à possibilidade de propagação de discursos e conteúdos no ambiente on-line, verificamos a emergência de uma ideologia masculinista antifeminista e profundamente misógina que tem se propagado a níveis alarmantes e atingido o mainstream. O objetivo é analisar a dinâmica desses discursos na era digital, identificando sobretudo suas narrativas e estratégias discursivas. Entende-se que os Estudos sobre Masculinismo enquanto

¹ Trabalho apresentado no GT1 – COMUNICAÇÃO POPULAR, COMUNITÁRIA E CIDADÃ da XVIII Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã 2024, de 11 a 13 de junho de 2024, na Universidade São Judas (Paulista), São Paulo-SP.

grupo, seus comportamentos e discursos, são ainda incipientes, de forma que expandir nossos olhares em um contexto de forte polarização e guerras cultural on-line pode ajudar a navegar no momento social complexo.

2 METODOLOGIA

O enquadramento metodológico desta pesquisa adota uma abordagem analítica, bibliográfica e mista, combinando métodos quantitativos e qualitativos. A coleta de dados foi realizada no Twitter, selecionando tweets que continham as palavras-chave femimimi, merdalher, hipergâmica, msol e conservadia, escolhidas em pesquisa exploratória e observacional, entre julho e agosto de 2023. A escolha pelo Twitter foi fundamentada em sua ampla utilização, facilidade de circulação do discurso, bem como por sua popularidade entre comunidades da extrema-direita e masculinistas.

Para analisar os dados coletados, foram aplicados elementos da Análise de Conteúdo (AC) e da Análise Crítica do Discurso (ACD) (BROCK, 2012) para, respectivamente, categorizar e quantificar os conteúdos dos tweets, explorando temas comuns e afetos mobilizados no discurso; e possibilitar uma abordagem mais socialmente crítica e interpretativa, contextualizando os textos dentro de fenômenos sociais específicos e considerando o poder e a ideologia presentes nos discursos.

A análise dos dados levou em conta as *affordances* do Twitter, como anonimato, associação e metavoz, que influenciam na expressão e na circulação dos discursos, tornando-se fundamentais para interpretar as dinâmicas nos discursos digitais.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Para explorar a relação entre os masculinistas e as questões de gênero, a partir dessa relação com o discurso dos tweets, a investigação está ancorada em uma perspectiva feminista e recorre a conceitos-chave como performance de gênero e construção de identidade. A problematização do gênero é fundamental para o desenvolvimento da pesquisa. Para Scott (1986), "masculino" e "feminino" são categorias ao mesmo tempo vazias e transbordantes; já Butler (2018) evoca o conceito Nietzscheano de que não há "ser" por trás do "fazer", de forma que não há identidade de gênero por trás das expressões do gênero. Connell (2005), Sussman (2012), Dupuis-Déri (2018), entre outros pensadores da masculinidade, dão pistas para entender os caminhos que o "masculino" enquanto identidade caminhou para o que conhecemos "masculinidade hegemônica" e que, eventualmente, possibilitou a crise da masculinidade (BEASLEY, 2005; WALSH, 2010).

Os masculinistas encontraram na internet uma forma de propagar um novo tipo de misoginia (SOUZA LIMA, 2023), pautada no anonimato para difundir assédios que incluem xingamentos,

doxing, e até ameaças de morte. O mundo digital possibilitou que comunidades se formem em espaços como o Twitter, o Reddit e os chans (NAGLE, 2016; SOUZA-LIMA, 2023), fazendo com que os adotantes incorporem comportamentos (vocabulário específico, memes, personagens etc.) que possibilitam uma identificação inter-plataformas e reforçam a subcultura no âmbito digital.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados preliminares apontam para os mecanismos utilizados que perpetuam estereótipos negativos sobre mulheres, promovendo antifeminismo e objetificação sexual. Esses discursos restringem, generalizam e limitam a individualidade feminina, perpetuando desigualdades de gênero e hierarquias sociais, sendo, em grande parte, voltados para os próprios homens, em uma tentativa de servir como um "guia" do comportamento masculino, ou, alternativamente, como repressão àqueles que, segundo os emissores, são menos dignos por se deixarem comandar por mulheres.

A análise de co-ocorrências revelou padrões nas associações, evidenciando as inter-relações complexas entre os elementos discursivos. Esses padrões refletem a maneira como diferentes temas se entrelaçam para formar uma narrativa coesa dentro do discurso masculinista, reforçando uma visão de mundo baseada em normas de gênero rígidas e desigualdades estruturais. Dentre os resultados observados, destaca-se a narrativa construída e compartilhada por esses indivíduos de forma a traçar uma linha quase cronológica da existência feminina na sociedade, conectando todas as palavras-chave e outras expressões relevantes, revelando as percepções e representações desses grupos sobre as mulheres e seus papéis sociais ao longo de suas vidas.

Os resultados também indicam que, por se tratar de um site de rede social (SRS) *mainstream*, no Twitter o conteúdo masculinista parece passar por um filtro, resultando em manifestações menos explicitamente violentas do que aparece em pesquisas que analisaram ambientes menos moderados e ocupados como Reddit ou Telegram (VILAÇA & D'ANDRÉA, 2021; SOUZA LIMA, 2023). Essa dinâmica influenciou tanto a forma quanto o tom dos diálogos, criando um ambiente onde os discursos, embora mantenham agressividade, tendem a ser mais sutis e mascarados, o que demandou uma análise mais contextualizada para compreender as nuances das interações.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados desta pesquisa oferecem perspectivas relevantes sobre como os grupos masculinistas operam em ambientes digitais mais próximos do *mainstream*, no caso do Twitter, uma plataforma de grande alcance. Essa compreensão mais aprofundada não apenas lança luz sobre as

dinâmicas presentes nesse espaço digital, mas também aponta para novas direções de investigação. Parece pertinente explorar o crescente papel dos *coaches* e influenciadores masculinistas, figuras recorrentes na investigação bem como entender como essas ideologias se manifestam em outras plataformas populares, como TikTok e Instagram. Essa ampliação da análise pode revelar nuances adicionais, promovendo uma compreensão mais holística e atualizada dos fenômenos sociais digitais emergentes.

Referências

BEASLEY, Chris. **Gender & Sexuality: critical theories, critical thinkers**. Cornwall: Sage Publications, 2005.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2018.

BROCK, André. From the Blackhand Side: Twitter as a Cultural Conversation. In: **Journal of Broadcasting & Electronic Media**, v. 56, nº 4, pp. 529–549, 2012.

CONNELL, Raewyn. **Masculinities**. California: University of California Press, 2000.

DUPUIS-DÉRI, Francis. **La crise de la masculinité: autopsie d'un mythe tenace**. France: Points.

NAGLE, Angela. **Kill all normies: online culture wars from 4chan and Tumblr to Trump and the alt-right**. United Kingdom: Zero Books, 2017.

SCOTT, Joan. **Gender: a useful category of historical analyses**. In: **The American Historical Review**, v. 91, nº 5, pp. 1053-1075, 1986.

SOUZA LIMA, Bruna. **Masculinismo: misoginia e redes de ódio no contexto da radicalização política no Brasil**. 13 de março de 2023. 242. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2023.

SUSSMAN, Herbert. **Masculine identities: the history and meanings of manliness**. California: Praeger, 2012.

VILAÇA, Gracila; D'ANDRÉA, Carlos. Da manosphere à machosfera: práticas (sub)culturais masculinistas em plataformas anonimizada. In: **Revista Ecopós**, vol. 24, nº2, pp. 410-440, 2021.

WALSH, Fintan. **Male Trouble: Masculinity and the performance of crisis**. Great Britain: Palgrave Mac Millan, 2010.